



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

## OS SINAIS DO ENSINO: UMA BUSCA PELA MEDIAÇÃO EM TEMPOS DESINTERMEDIADOS

Autor

### RESUMO

Esta pesquisa, que vem se realizando de forma independente desde 2022, tem como intuito principal investigar os impactos da lógica dos algoritmos digitais nas subjetividades escolares e os possíveis campos de enfrentamento pedagógico dessa questão. Para tanto, a partir da bibliografia disponível acerca da arquitetura técnica das novas redes de comunicação, buscamos identificar como as reintermediações ocorridas online se organizam a partir de uma ilusão de desintermediação, a qual, por sua vez, acaba produzindo ensimesmamento, certeza e fixidez em demasia. Por outro lado, também temos buscado analisar as ações especificamente escolares — as práticas didáticas a que recorrem os docentes — que são capazes de oferecer aos estudantes uma subjetividade distinta daquela que vivenciam nas redes.

**Palavras-chave:** Mediação, Ensino, Algoritmos Digitais.

### INTRODUÇÃO

Cesarino (2022) afirma que as novas mídias digitais atuam na contemporaneidade acelerando processos que, sem elas, ocorreriam de forma mais lenta. Por um lado, afirma a autora, essas tecnologias operam "desintermediações", acirrando "a desconfiança dos usuários em relação à 'grande mídia', aos intelectuais e acadêmicos, às instituições da democracia representativa" (ibid, p. 16). Por outro lado, paralelamente a isso, há uma espécie de "reintermediação" com a emergência de figuras e enquadramentos que, até então, não eram levados a sério pelo centro da estrutura. Mas há algo de novo no que faz chegar a essas novas mediações: o funcionamento algorítmico digital.

Algoritmos nada mais são do que sequências de orientações para o cumprimento de uma tarefa. Nas redes, a tarefa a ser cumprida é evitar o colapso da atenção (Pariser, 2012), que seria incontornável dada a avalanche de informações disponíveis. Para elaborar a seleção do que chega ou não aos usuários, então, seus dados são coletados, armazenados e utilizados na elaboração de filtros que, de maneira inédita, reduzem a experiência individual a uma retroalimentação do que é sempre igual, à formação das bolhas digitais (ibid). Zuboff (2021), a esse respeito, afirma serem os dados a matéria-prima daquilo que ela entende como o "capitalismo de vigilância" e do "mercado de comportamentos futuros". Tudo é contabilizado, tudo é minerado: cliques, curtidas, tempo numa página, tempo em outra, aqueles que são



seguidos, aquilo que se compartilha, aquilo com que se engaja; e é desses dados que se opera a seleção do que deve aparecer na sequência. Por um lado, isso importa para a atuação algorítmica porque ela deve atender a um modelo de negócios em que o tempo de tela e a atenção são as moedas mais valiosas: o mundo entregue por meio dos algoritmos precisa ser um mundo que faça o usuário não querer sair dali, o que forma cenários cada vez mais personalizados e atomizados. Por outro lado, se o que se fez antes delimita de uma forma bastante impermeável aquilo que se terá diante dos olhos na sequência, o futuro passa a ser um espelho com pouca margem para desvios. Bruno (2020) entende, nesse sentido, que a lógica algorítmica das redes opera um "confisco do comum" e um "sequestro do futuro". Tudo isso, no entanto, sem que as mediações algorítmicas se anunciem como tal. Dentro das redes, a sensação é de que os movimentos, as escolhas, as vinculações são fruto de um contato direto com o que está ao redor.

E essa, nos parece, não é uma questão menor para a educação.

Segundo pesquisas recentes (Pesquisa TIC, 2023), 96% das crianças e adolescentes já acessam a internet e, desses, bem mais que a metade tem contas em plataformas como Youtube, Instagram e Tik Tok, redes estruturadas a partir dos algoritmos. A imersão nesses espaços, todavia, não se dá sem maiores consequências. O encerramento subjetivo em uma retroalimentação contínua do que não desvia o usuário de expectativas subjetivas já consolidadas convoca a modos de ser e de pensar bastante diferentes daqueles que organizaram a experiência escolar ao longo dos séculos, e isso não é necessariamente algo positivo.

Nesse sentido, partimos da hipótese de que a arquitetura das redes de comunicação contemporâneas convoca a uma espécie de "subjetividade algorítmica", em que as mediações entre o usuário e si mesmo, ou entre si e a realidade, não são percebidas, o que resulta numa experiência ensimesmada e hostil à diversidade e ao que desvia do que já se tem como certo. Nosso objetivo, então, tem sido (1) investigar como essa subjetividade se confronta com uma educação convidativa a uma experimentação subjetiva mais porosa e aberta ao acaso e ao incerto; e (2) colher práticas didáticas que reafirmem a mediação como um dado humanizante e distinto da atmosfera digital. Essas ações, a nosso ver, reservam à escola um protagonismo e uma especificidade nos tempos e nos desafios que correm.

## **METODOLOGIA**

Até o momento, como a pesquisa ainda conta com um caráter especulativo, temos nos valido da hermenêutica como a entende Paul Ricoeur (2013) para abordar a bibliografia a propósito do funcionamento algorítmico. Isso significa que nossa leitura busca construir



XXII ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sentidos a partir da formulação de hipóteses que emergem do encontro entre nossos interesses de educadores e a descrição da arquitetura técnica das redes. Além disso, a partir de uma disciplina argumentativa rigorosa, buscamos desenvolver tais horizontes de sentido. Numa segunda etapa, preparamos um curso de extensão e entrevistas com professores da rede para colher e registrar as atividades que desenvolvem e que, em seu entendimento, oferecem um modo de mediar distinto daquele presente nas redes.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa se bifurca de acordo com o que temos em seus horizontes: a discussão técnica e crítica da maquinaria algorítmica contemporânea e os desafios postos à escola. Para a primeira parte, alinhamo-nos a uma percepção tecnológica que entende as mutações sociais ocorridas pelo advento de determinados dispositivos como mutações totais — as tecnologias, aqui, não são meras ferramentas, mas elementos que reconfiguram a paisagem total e os atores sociais. Nesse sentido, é em Postman (1994) que nos alicerçamos, de uma maneira mais geral, e, no que diz respeito efetivamente aos algoritmos digitais, convergimos nossas análises com os referenciais propostos sobretudo por Zuboff (2021) e Bruno (2020) no que tange à mineração dos dados e ao comércio dos comportamentos futuros.

Já para confrontar a subjetividade algorítmica oriunda das redes com a vida escolar, valemo-nos de uma concepção desta interessada em sua capacidade de *skholé*, de bifurcação, e, para tanto, o principal referencial que temos como base é a obra de Masschelein e Simons (2014) sobre a defesa da escola. Para esses autores, é justamente enquanto se mantém como um espaço que não se deixa reger pelas lógicas externas que a escola é, de fato, escola. É essa ruptura, afirmam, que permite àqueles que habitam seu interior experimentarem-se outros em relação às expectativas que vêm de fora. Para o que nos interessa, é talvez apenas se mantendo assim, escola, que a instituição pode oferecer aos estudantes a possibilidades de experimentarem-se para além do ensimesmamento digital contemporâneo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do intenso trabalho em cima da bibliografia analisada, até o momento, temos a convicção de que a "subjetividade algorítmica" é real e impõe desafios sociais e políticos, mas, sobretudo, dados os nossos interesses, escolares. Em buca de enfrentá-los, temos reabilitado duas noções bastante fundamentais do campo pedagógico e estudado a fundo as possíveis



consequências do ser humano a partir de suas origens: o ensino e a mediação. A partir da etimologia dos termos, temos tentado mostrar que essas atividades são constitutivas da experiência do ser humano enquanto ser simbólico, ser que só acessa o mundo e a si mesmo a partir de mediações e de símbolos diversos. E mais: que é do reconhecimento dessa condição que se pode ter um mundo ainda aberto a significações e não encerrado numa verdade única e absoluta e que se pode manter aberta a possibilidade de os próprios indivíduos não se condenarem a uma versão estática e definitiva de si mesmos.

Nesse sentido, como resultados, até o momento temos dois artigos publicados em revistas de referência. No primeiro (AUTOR, 2023), formalizamos uma discussão mais teórica a propósito tanto da arquitetura técnica dos algoritmos quanto da noção de ensino que temos entendido como capaz de fazer frente à subjetividade oriunda das redes. No segundo (AUTOR, 2024), além de recuperar a discussão técnica a partir de outros autores, esboçamos também, a partir de um relato narrativo de dois docentes, uma resistência pedagógica à lógica da desintermediação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Até aqui, nossa pesquisa é fundamentalmente bibliográfica. A partir dela, cremos ter sido possível construir um arcabouço teórico e metodológico que promove alguma contribuição aos estudos das relações entre a cultura digital e a escola. Além disso, nossos esforços para a delimitação mais formalizada dos sentidos de ensinar e de mediar nos parecem bastante úteis para a delimitação daquilo que é uma tarefa específica da escola frente aos desafios tecnológicos.

Daqui em diante, no entanto, pretendemos seguir um rumo que ainda não exploramos. Por meio do oferecimento de um curso de extensão e de entrevistas e de conversas com professores da rede, nosso intuito é não apenas difundir conhecimento técnico e crítico a respeito do funcionamento das mídias digitais contemporâneas, mas também criar um espaço para reflexão autoral e para o reconhecimento ou a invenção de estratégias didáticas que recoloquem em questão a mediação. É por aí que temos começado a nos embrenhar em busca de dar ainda mais sentido a esta pesquisa.

## **REFERÊNCIAS**

AUTOR, 2023.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO  
AUTOR, 2024.

BRUNO, F. Arquiteturas algorítmicas e negacionismo: a pandemia, o comum, o futuro. In: DUARTE, L.; GORGULHO, V. (orgs). **No tremor do mundo: ensaios e entrevistas à luz da pandemia**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MASSCHELEIN, Jan e SIMONS, Marteen. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Trad.: Cristina Nunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

PESQUISA sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2022. **Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2023. E-book.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994.  
RICOEUR, Paul. Teoria da Interpretação. Lisboa: Edições 70, 2013.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.